

# Cinco grandes decidem aumentar cotas do FMI

William Waack

**Frankfurt** — Os cinco principais países industrializados acertaram ontem o aumento de quotas do Fundo Monetário Internacional. Um fundo de emergência, baseado nos acordos gerais de empréstimos do FMI, também deverá ser ampliado, mas a idéia de uma nova conferência monetária internacional, proposta pelo Secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, foi elegantemente adiada por seus colegas da França, Inglaterra, Alemanha e Japão.

Os resultados da reunião de dois dias no castelo de Kronberg, nos arredores de Frankfurt, não puderam ser anunciados formalmente pelo Ministro das Finanças alemão, Gerhard Stoltemberg. Ontem cedo, o Ministro reuniu os jornalistas, na sala de espera do castelo, para explicar que a reunião era informal e que decisões não podiam ser tomadas por um grêmio que juridicamente sequer existe.

Contudo, ao responder a questões dos repórteres, Stoltemberg deixou suficientemente claro que a questão do aumento de quotas havia sido resolvida de acordo com as pretensões dos europeus, que há longo tempo pleiteavam junto aos Estados Unidos maior liquidez para o Fundo Monetário Internacional.

— Entendo que a quota precisa ser elevada, e a porcentagem está entre 40% e 60% — disse Stoltemberg. O Ministro alemão recusou-se a fornecer maiores detalhes, mas confirmou que a reunião do comitê interno do FMI — o órgão que está autorizado a aumentar as quotas —

foi antecipada para janeiro. Este sinal vem sendo interpretado como clara evidência de um acordo entre europeus e americanos.

— Desde Toronto (última reunião do FMI a nível ministerial), já tínhamos chegado a um consenso sobre o aumento das quotas — disse Stoltemberg. Otimista, o Ministro alemão afirmou que, apesar da recessão mundial, há sinais positivos na situação global, tais como a queda da inflação e das taxas de juro.

Em nome de seus colegas, Stoltemberg elogiou a cooperação internacional. “Todos nós concordamos com a necessidade de sublinhar e reforçar ainda mais o papel do Fundo Monetário”, declarou.

Ao seu lado, o presidente do Banco Central alemão, Otto Poehl, recusava-se a empregar a expressão fundo de emergência ao falar do aumento do Acordo Geral de Empréstimos (General Agreement on Borrowing), de 6,8 bilhões para, provavelmente, 14 bilhões de dólares.

Tanto Stoltemberg como Poehl recusaram-se a responder uma pergunta sobre a situação financeira do Brasil.

— Não estamos aqui para tratar de casos individuais — disseram. A mesma resposta-padrão foi pronunciada quando jornalistas perguntaram sobre a Iugoslávia e o acesso da Arábia Saudita ao Grupo dos Dez dentro do FMI (que detém o maior número de votos).